

O Menino do Evangelho: epilético ou possuído?*

Introdução: Algumas versões/traduições na linguagem atual da passagem de Mateus 17,14-21 traduzem o termo *σεληνιάζεται* (*seleniazetai*), que significa literalmente “lunático”, com a palavra “epilético”. Igualmente alguns estudiosos bíblicos, teólogos e pregadores, comentando a passagem citada ou o paralelo dos sinópticos Marcos e Lucas, afirmam, um tanto precipitadamente, que o jovem sofria de epilepsia. Julgamos, pois, oportuno deter-nos no episódio em questão, para oferecer uma leitura não superficial dos dados revelados, que não podem ser distorcidos ou, pior ainda, falsificados para ir ao encontro dos preconceitos de uma mentalidade que apenas tem a aspiração de ser científica. Em primeiro lugar, vamos relatar a história apresentada pelos Evangelhos Sinópticos.

Mateus 17,14-21

¹⁴Quando voltaram para junto da multidão, alguém aproximou-se de Jesus, caiu de joelhos e disse: ¹⁵“Senhor, tem compaixão do meu filho. Ele tem crises de *epilepsia* e passa mal. Muitas vezes cai no fogo ou na água. ¹⁶Levei-o aos teus discípulos, mas eles não conseguiram curá-lo!” ¹⁷Jesus tomou a palavra: “Ó geração sem fé e perversa! Até quando vou ficar convosco? Até quando vou suportar-vos? Trazei aqui o menino”. ¹⁸Então Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino, que ficou curado a partir dessa hora. ¹⁹Então, os discípulos aproximaram-se de Jesus e lhe perguntaram em particular: “Por que nós não conseguimos expulsar o demônio?” ²⁰Ele respondeu: “Por causa da fraqueza de vossa fé! Em verdade vos digo: se tiverdes fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta montanha: ‘Vai daqui para lá’, e ela irá. Nada vos será impossível!”. ²¹[Esta espécie não pode ser expulsa a não ser pela oração e o jejum].

Marcos 9,14-29

¹⁴Quando voltaram para junto dos discípulos, encontraram-nos rodeados por uma grande multidão, e os escribas discutiam com eles. ¹⁵Logo que a multidão viu Jesus, ficou admirada e correu para saudá-lo. ¹⁶Jesus perguntou: “Que estais discutindo?” ¹⁷Alguém da multidão respondeu-lhe: “Mestre, eu trouxe a ti o meu filho que tem um espírito mudo. ¹⁸Cada vez que o espírito o agride, joga-o no chão, e ele começa a espumar, range os dentes e fica completamente duro. Eu pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas eles não conseguiram”. ¹⁹Jesus lhes respondeu: “Ó geração sem fé! Até quando vou ficar convosco? Até quando vou suportar-vos? Trazei-me o menino!” ²⁰Levaram-no. Quando o espírito viu Jesus, sacudiu violentamente o menino, que caiu no chão e rolava espumando. ²¹Jesus perguntou ao pai: “Desde quando lhe acontece isso? O pai respondeu: “Desde criança. ²²Muitas vezes, o espírito já o lançou no fogo e na água, para matá-lo. Se podes fazer alguma coisa, tem compaixão e ajuda-nos”. ²³Jesus disse: “Se podes...? Tudo é possível para quem crê”. ²⁴Imediatamente, o pai do menino exclamou: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé”. ²⁵Vendo Jesus que a multidão se ajuntava ao seu redor, repreendeu o espírito impuro: “Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai do menino e nunca mais entres nele”. ²⁶O espírito saiu, gritando e sacudindo violentamente o menino. Este ficou como morto, tanto que muitos diziam: “Morreu!” ²⁷Mas Jesus o tomou pela mão e o levantou; e ele ficou de pé. ²⁸Depois que Jesus voltou para casa, os discípulos lhe perguntaram, em particular: “Por que nós não conseguimos expulsá-lo?” ²⁹Ele respondeu: “Essa espécie só pode ser expulsa pela oração”.

Lucas, 9,37-43

³⁷No dia seguinte, ao descerem da montanha, uma grande multidão foi ao encontro de Jesus. ³⁸Nisso, um homem, no meio da multidão, começou a gritar: “Mestre, peço-te que olhes para o meu filho! É o único filho que tenho. ³⁹Um espírito o domina e, de repente, ele começa a gritar e o sacode com violência, e ele espuma. Com muita dificuldade o deixa, depois de machucá-lo. ⁴⁰Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas não conseguiram”. ⁴¹Jesus respondeu: “Ó geração sem fé e perversa! Até quando vou ficar convosco e suportar-vos? Traze aqui o teu filho”. ⁴²Enquanto o menino se aproximava, o demônio o jogou no chão e o sacudiu violentamente. Mas Jesus repreendeu o espírito impuro, curou o menino e o entregou ao pai. ⁴³E todos ficaram maravilhados com o poder de Deus.

Comentário

Nos Evangelhos, algumas libertações da ação extraordinária do demônio também são definidas como curas. No entanto, os exorcismos de Jesus sempre se distinguem das curas; nos Evangelhos, de fato, as situações que se seguem aos exorcismos de Jesus às vezes são chamadas de curas pelas quais é determinada a libertação dos corpos do demônio. Isso porque a libertação da possessão demoníaca também pode ser considerada como uma cura física, pois a pessoa não sofre mais daqueles males que a oprimiam, ou seja, devido à possessão. Sobre aquele menino que os apóstolos não conseguiram libertar, em Marcos 9,26 é dito apenas que o demônio “saiu, gritando e sacudindo violentamente o menino”; em Mateus 17,18, no entanto, é especificado: “Então Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino, que ficou curado a partir dessa hora”.

Do Evangelho de Marcos também aprendemos que aquele jovem era mudo e surdo, porque estava possuído por um espírito maligno que o fez ficar mudo e surdo: os sintomas descritos inicialmente são aqueles que no tempo de Jesus eram atribuídos a lunáticos¹ mas o Evangelho também nos diz, e com certeza, que o menino estava possuído, porque Jesus não se

* 1) <https://www.aieinternational.it/il-ragazzo-del-vangelo-epilettico-o-posseduto/>

2) <https://aiebrasil.org.br/index.php/2023/05/31/o-menino-do-evangelho-epiletico-ou-possuido/>

¹ Em relação ao termo “epilético”, devemos ter em mente que não ocorre no Novo Testamento. O texto evangélico grego usa o verbo *seleniazetai* que significa “é lunático”. A versão Vulgata da Bíblia traduziu literalmente «*lunaticus est*». A tradução ecumênica da Bíblia traduziu literalmente “lunático”. Antigamente, acreditava-se que os ataques de epilepsia estavam ligados às fases da lua, de modo que os sintomas descritos na narração evangélica eram atribuídos àquela doença que hoje chamamos de «epilepsia». É por isso que várias traduções, inclusive a Bíblia CEI, adotaram a palavra epilético, que, no entanto, se refere à interpretação errônea de hoje sobre a condição do menino no Evangelho.

voltou para ele, mas para o demônio e com uma ordem imperativa o expulsou do menino. O próprio Mateus, que testemunhou pessoalmente esse episódio, afirma que Jesus realizou um exorcismo, ao qual se seguiu uma cura: de fato, o evangelista usa a palavra curado para indicar a recuperação da saúde física após a libertação do demônio. Mateus também relata o diálogo ocorrido pouco depois, à margem, entre Jesus e os Apóstolos. Diante da evidência de que Jesus havia realizado principalmente não uma cura, mas um exorcismo, eles não disseram: "Por que não pudemos curá-lo?", mas: "Por que não pudemos expulsá-lo?"² Portanto, *Jesus anunciou o Reino de Deus, curou os enfermos das doenças e libertou os endemoninhados.***

Para entender nos Evangelhos a diferença entre a cura de uma doença e a libertação de uma possessão diabólica, precisamos observar atentamente a atitude que Jesus teve quando se deparou com um doente e a que teve quando se deparou com uma pessoa que foi verdadeiramente uma vítima de possessão diabólica.

Quando Jesus encontra um doente, estabelece uma relação imediata com ele e o cura. As palavras que Jesus pronuncia naquelas circunstâncias às vezes destacam a importância que a fé nele teve para obter a cura³; às vezes são ordens dirigidas ao doente para fazer alguma coisa⁴; às vezes são expressões com as quais ele declara sua vontade⁵.

Se, por outro lado, se depara com uma pessoa possuída no corpo pelo demônio, Jesus dirige-se com determinação a outra pessoa – distinguindo-a da própria pessoa – e com uma ordem imperativa ordena-lhe que deixe aquele corpo e não a atormente mais.⁶

Nos Evangelhos, porém, a distinção entre a condição de simples doença e a de possessão diabólica é indicada não só pela atitude diferente que Jesus assume para com os aflitos, ao contrário dos simples enfermos, que buscam a Jesus e imploram que ele os cure⁷, quando Cristo se aproxima de uma pessoa possuída pelo demônio em seu próprio corpo, o demônio, manifestando-se através da pessoa, reage de forma desordenada, gritando, agitando a pessoa, que mostra repulsa e profunda aversão por Jesus, por quem teme ser derrotada.⁸

Enquanto no caso dos milagres com os quais Jesus curava doenças incapacitantes, além da recuperação imediata da saúde, a reação dos curados registrada pelos Evangelhos costuma ser de exultação e alegria⁹, no caso dos endemoninhados, quando o demônio é derrotado pelo poder de Cristo, os evangelistas observam que o corpo da vítima do maligno cai prostrado por terra.¹⁰

Então, do que relatam os evangelistas emerge uma significativa diferença de comportamento entre uma pessoa realmente endemoninhada e outra acometida por uma doença natural, diferença que se especifica com uma perda de consciência do endemoninhado¹¹ e a substituição de uma inteligência e de uma vontade estranha/exterior, que assume o controle e a direção de seu corpo. A pessoa recupera plena consciência de si mesma somente quando Jesus a liberta.

“Não é descabido assinalar que a libertação do demônio operada por Jesus durante o seu ministério público em pessoas possuídas pelo maligno é por vezes referida pelos evangelistas com o termo ‘cura’. Isso se explica pelo fato de que, expulso o espírito maligno, também desaparecem as repercussões físicas sofridas pelo endemoninhado, como no caso do mudo e que voltou a falar¹², ou do menino a quem o demônio ele causava convulsões, muitas vezes jogando-o na água e no fogo¹³, e que, uma vez liberto do demônio, ele também foi liberto das convulsões de que sofria. São circunstâncias que ainda hoje muitos exorcistas vivenciam no exercício de seu ministério, razão pela qual o desaparecimento dos sintomas físicos, provocados pela possessão diabólica, justifica o emprego do termo ‘cura’ na libertação de situações de sofrimento, devidas não há doenças de origem natural, mas a ação preternatural do demônio.”¹⁴

No episódio do endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum, Jesus não disse: “Cala-te”, mas com uma ordem imperativa disse: “Cala-te e sai desse homem!” (Mc 1,25). Quando se viu diante do endemoninhado vagando entre os sepulcros, uivando e se espancando com pedras, Jesus não falou com ele, mas falou diretamente com outra pessoa, que havia

² Outro episódio evangélico, no qual a cura é definida como libertação do demônio, é o da filha da cananea. Marcos diz explicitamente: “Uma mulher, cuja filhinha estava possuída por um espírito impuro, assim que ouviu falar dele, foi e se jogou aos pés dele. Esta mulher falava grego e era de origem siro-fenícia. Suplicava-lhe que expulsasse de sua filha o demônio” (Mc 7,25-26). Jesus elogia a fé daquela mulher, e a narração de Marcos conclui assim: “Então [Jesus] disse a ela: ‘Pela tua palavra, o demônio saiu de tua filha.’ Voltando para casa, encontrou a menina deitada na cama e o demônio já tinha ido embora” (Mc 7,29-30). Mateus, descrevendo o mesmo episódio, conclui com esta expressão: “Então Jesus lhe respondeu: ‘Mulher, realmente grande é a tua fé! Deixa-o ser feito como você deseja. E desde aquele instante sua filha ficou sã’” (Mt 15,28). A expressão curado, neste caso, refere-se a uma libertação do demônio, pois Mateus já havia relatado anteriormente também as palavras da cananea: “Tem piedade de mim, Senhor, filho de Davi! Minha filha está muito atormentada por um demônio” (Mt 15,21).

** Cf. Mt 4,24; Mc 1,32.34; Lc 6,18; 7,21.

³ Cf. Mt 9,22; Mc 5,34; Lc 8,48.

⁴ “Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Mt 9,6; Mc 2,11; Lc 5,24). “Ide e apresentai-vos aos sacerdotes” (Lc 17,14). “Levanta-te, toma o teu leito e anda” (Jo 5,8). “Vai lavar-te no tanque de Siloé” (Jo 9,7).

⁵ “Eu quero, fica curado” Mt 8,3; Mc 1,41; Lc 5,13.

⁶ “Cala a boca! Sai desse homem” (Mt 1,25; Lc 4,35). “Sai, espírito imundo, deste homem!” (Mc 5,8). “Espírito mudo e surdo, ordeno-te, sai dele e nunca mais voltes” (Mc 9,25).

⁷ “Aproximou-se de Jesus um leproso, que lhe implorou de joelhos e lhe disse: ‘Se queres, podes purificar-me!’. Teve compaixão dele, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: ‘Eu quero, purifica-te!’. E imediatamente a lepra desapareceu dele e ele foi purificado” (Mc 1,40-42); “Na verdade, ele curou muitos, de modo que todos os que tinham alguma doença se lançaram sobre ele para tocá-lo” (Mc 3,10); ver também Mc 2,10-12; 3,4-6; 5,25-34; 6,53-56.

⁸ “Basta! O que queres de nós, Jesus de Nazaré? Você veio para nos arruinar?” (Lc 4,34; ver também Mc 1,24); “O que temos em comum com você, Filho de Deus? Você veio aqui antes do tempo para nos atormentar?” (Mt 8,29; ver também Lc 8,28).

⁹ Por exemplo, ver Lc 5,15; 17,15-16; 18,43.

¹⁰ “E o demônio o jogou no meio do povo e saiu dele sem feri-lo” (Lc 4,35); “E, gritando e sacudindo-o fortemente, saiu. E a criança ficou como se estivesse morta, de modo que muitos diziam: ‘Ele está morto’” (Mc 9,26).

¹¹ No sentido da consciência que permite ao sujeito perceber o que está acontecendo dentro de si e em suas relações com o mundo exterior, mantendo o controle (e a responsabilidade) de seus próprios atos.

¹² Cf. Mt 9,32-33.

¹³ Cf. Mt 17,15-16.

¹⁴ Associação Internacional de Exorcistas, Diretrizes para o ministério de exorcismo, Padova: *Edizioni Messaggero*, 2019, pp. 16-17 [tradução do BR, pp. 31-31].

reduzido aquele homem a uma condição tão miserável e com uma ordem imperativa, ele exclamou: “Sai, espírito imundo deste homem!” (Mc 5,8)¹⁵.

Quando lhe trouxeram o menino que os discípulos não conseguiram libertar, tanto que seu pai se apresentou a Jesus implorando-lhe que o libertasse, Jesus não disse ao menino: “Fica curado e vai em paz”, mas: “Espírito mudo e surdo eu te ordeno, sai dele e nunca mais volte!” (Mc 9,25). Com estas palavras Jesus nos revela claramente que aquele menino estava possuído por uma presença demoníaca que bloqueava sua fala e audição. Outra demonstração de que o menino estava possuído é que ele começou a ter uma crise terrível assim que foi levado diante de Jesus. De fato, lemos no Evangelho de Marcos 9,20: “Ao ver Jesus, imediatamente o espírito sacudiu o menino com convulsões e ele, tendo caído no chão, rolou espumando”. Aquele menino, além de mudo, também era surdo; portanto, ele não podia saber quem era Jesus: ainda, no momento em que ele viu, ele teve uma reação violenta. O evangelista relata ver Jesus com esta reação repentina do menino para afirmar, como também em outras passagens do Evangelho onde são descritos exorcismos, que a reação não deve ser atribuída ao sofrimento, mas ao diabo, que, não conseguindo resistir à presença e à palavra de Jesus, já não podia esconder-se. É evidente, portanto, que aquele menino artificialmente definido como epilético por alguns comentaristas e teólogos contemporâneos com uma interpretação muito subjetiva, na realidade ele não era epilético. O Evangelho nos revela com certeza que aquele menino estava possuído pelo demônio. Na verdade, Jesus não se comportou como se estivesse lidando com um menino simplesmente doente, mas um menino possuído, por isso não se dirigiu ao menino, mas ao diabo e com uma ordem imperativa o expulsou, dizendo: “Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai dele e nunca mais entres!” (Mc 9,25).

A quem nega a historicidade desse episódio, ou afirma que na realidade Jesus apenas curou o menino de epilepsia, mas não expulsou nenhum demônio, é necessário evidenciar a fragilidade de sua posição. Precisamos fazê-lo entender que está raciocinando com a mente de outros exegetas (cujas afirmações são questionáveis) e não com a razão iluminada pela fé. Além disso, no caso de um exorcista, é a própria experiência que lhe diz que o fato evangélico é histórico, porque ele o vivencia cotidianamente no momento em que exerce seu ministério. Além disso, também pode ser demonstrado exegeticamente. Acima de tudo, é a própria estrutura do texto que atesta que o fato realmente aconteceu e não uma elaboração teológica ou narrativa de quem escreveu o Evangelho. Quem quer provar que o fato realmente não aconteceu, com que base o pode demonstrar?

No que diz respeito às características da crise do menino, poderíamos perguntar a um médico: “Existe epilepsia que se manifesta quando o paciente encontra alguém ou vê algo em particular?” Ele responderia que um dos fatores que nunca podem desencadear um ataque epilético é o encontro com uma pessoa. Em vez disso, aquele menino começou a ter uma crise tremenda assim que o trouxeram diante de Jesus. No entanto, esse não é o comportamento dos epiléticos. Na verdade, o evangelista quer contar um exorcismo e não outra coisa. Os exorcistas se viram várias vezes vivenciando pessoalmente e plenamente o mesmo episódio evangélico: pessoas clinicamente saudáveis que manifestavam a crise, com os sinais típicos da possessão diabólica, assim que eram trazidas à sua presença.

Tampouco estamos, como afirmam alguns, diante de uma verdadeira epilepsia causada porém por uma ação extraordinária do maligno, mas – reiteramos – diante de uma verdadeira possessão diabólica que, após a expulsão do demônio, foi seguida também pela “cura” das repercussões físicas que o demônio causou no corpo do menino e que alguns exegetas modernos, nunca tendo presenciado casos reais de possessão, atribuíram erroneamente àquela doença que hoje chamamos de epilepsia.

Além disso, alguns exorcistas testemunharam o surgimento de ataques epiléticos em algumas pessoas, e podem afirmar que o que acontece naquele momento não é nada parecido com as manifestações convulsivas e outros fenômenos que ocorrem durante uma possessão diabólica.

Certamente, nem toda doença física curada por Jesus foi consequência de uma possessão diabólica, e nesse caso já vimos que o comportamento de Jesus e da pessoa é bem diferente. E então Cristo, que tem o poder de curar e que poderia tê-lo usado se fosse uma doença, recorreu explicitamente ao exorcismo: “Espírito mudo e surdo, ordeno-te que saias dele e nunca mais entres” (Mc 9,25). Se fosse uma patologia como pensam alguns estudiosos da Bíblia, não se entenderia porque ele mandou o demônio sair daquele menino. Tampouco podemos pensar que Jesus errou no diagnóstico, confundindo o que teria sido uma doença natural com possessão diabólica. Sua divindade seria comprometida. Além disso, se consultarmos os Padres da Igreja quando comentam este episódio evangélico, não encontramos nenhum deles que não seja unânime em atribuir a condição daquele menino à possessão demoníaca. E, como sabemos, quando a convergência dos Padres da Igreja é unânime, torna-se norma de fé.

Finalmente, considerando os detalhes deste episódio, descrito tanto em Mateus como em Marcos e em Lucas, à luz do progresso no conhecimento dos sintomas da epilepsia, qualquer médico especialista nesta doença não pode deixar de reconhecer com toda a honestidade que o quadro exposto nos Evangelhos não combina com os dados certos que temos sobre as manifestações desta patologia¹⁶, nem podem ser verificados de forma alguma graças às modalidades com que são descritos nos Evangelhos, sobretudo no momento em que Jesus intervém em cena, e nem se podem resolver com o modo em que Jesus interveio.

¹⁵ Espírito impuro: o adjetivo impuro não deve ser entendido no sentido físico ou mesmo legal em referência às leis de pureza do Antigo Testamento, mas no sentido moral, como uma qualidade da alma dominada por uma vontade determinada de fazer o mal. Este é precisamente o mal que, segundo o ensinamento de Cristo, “contamina o homem e o torna verdadeiramente ‘impuro’” (cf. Mc 7,15.20-23). Neste caso, portanto, estamos lidando com um verdadeiro espírito do mal, isto é, o diabo.

¹⁶ Por exemplo, também nos é dito claramente que o diabo jogou o menino na água e no fogo (ver Mc 9,22). Epiléticos não procuram água para se afogar ou fogo para se jogar.